

O ELEFANTE E OS CEGOS (ESCRITOS SOBRE FILOSOFIA DAS CIÊNCIAS)

JOSÉ ANCHIETA ESMERALDO BARRETO/ RUI VERLAINE OLIVEIRA MOREIRA... ET AL./ - FORTALEZA: CASA DE JOSÉ DE ALENCAR/PROGRAMA EDITORIAL, 1999. (COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO)

VIANNEY MESQUITA*

(...) Um apalpou a tromba, um, uma pata, outro, o lombo; fizeram cadeirinha para um dos cegos poder apalpar a orelha; içaram um outro ao longo do animal. Encantados, voltaram para a aldeia... O primeiro disse: *é um tubo, que se levanta com força e se agita; se o pegar, coitado de você!* O segundo declarou: *é uma coluna coberta de pelos.* O terceiro afirmou: *é um muro, como o de uma fortaleza, e também coberto de pêlos.* O quarto, que apalpava a orelha, protestou: *não se parece absolutamente com um muro! É um tapete de lã, de trama grossa, que mexe quando a gente toca nele!* Enfim, o último gritou: *Que é que estão contando aí? É uma imensa montanha que se desloca.*

(In: KAZANTZAKIS, Nikos. *O Cristo recrucificado*. Rio de Janeiro: Abril Cultural/Nova Fronteira, 1971)

Quase nada aproveita a produção intelectual se esta não circular, socializando idéias para formar opinião, corroborar pressupostos, confirmar enredos, suscitar dúvidas, negar peremptoriamente compreensões provisórias, enfim, comprometer a alvura do cisne, pigmentando-o de tons escuros.

É este o fado de qualquer esforço do espírito – comunicar intenções que queremos fazer valer pela solidez argumentativa, firmeza lógica e novidade temática.

A obra que não circula, evidentemente, não passa de um monólogo, uma intracomunicação muita vez inconseqüente e, nalgumas ocasiões, lesiva ao patrimônio reflexivo do seu autor. O produtor de uma peça de qualquer das artes (nomeadamente literatura) que a não torna um bem comunitário é suscetivo de permanecer no próprio engodo auto-raciocinativo, porquanto é falta de juízos alheios que discutam suas idéias,

acrescendo-as de dados, concertando desordens conceituais, reparando enganos e questionando afirmações falazes.

Algumas pessoas, exageradamente escrupulosas, costumam legitimar seu silêncio editorial, remetendo-se a Immanuel Kant (Könisberg – 1724/1804), na lenta expectativa de que sejam suas compreensões depuradas até a perfeição, isentas de erro.

É que o início da trilogia criticista de Kant, quando o Filósofo alemão traçou os limites em que se deve exercer a razão especulativa do homem, incapaz de chegar diretamente às verdades metafísicas, se deu publicamente só em 1781, ocasião em que o Autor dessa *Crítica da razão pura* já contabilizava cinquenta e sete anos.

Já a *Crítica da razão prática*, na qual encontrou, sob forma de postulados, as verdades transcendentais, a que a pura razão não se pode elevar, veio somente sete anos depois, em 1788.

Rematando seu criticismo, Kant – *maduro e perfeito*, dirão os ciosos e inéditos autores – mandou a lume seu tratado acerca do belo e do sublime, em *Crítica do julgamento*, no ano de 1790.

São essas pessoas, no mínimo, presunçosas, em, pelo menos, dois aspectos: elevarem-se a Kant e pretenderem escoimar de erros seus escritos.

– *Você não é Kant!*, disse uma vez o Professor José Anchieta Esmeraldo Barreto a um consultante seu que não se achava pronto para publicar, agarrando-se à desculpa *kantiana*.

Esse mesmo ponto de vista era esposado por Luís José João Wittgenstein, a quem Bertrand Russell acicatava constantemente para que publicasse, de imediato, as idéias do primeiro, mesmo imperfeitas, embora sem que todos os problemas da Filosofia fossem resolvidos, o que nunca poderia acontecer.

Relativamente ao erro, remeto o leitor ao segundo volume da série *Escritos de Filosofia da Ci-*

* Professor Adjunto da UFC. Técnico da FUNCAP. Presidente da Academia Cearense da Língua Portuguesa.

ência, intitulado *Imaginando Erros*, organizado por Barreto & Moreira (Casa de José de Alencar – UFC, 1998), em cujo primeiro capítulo os autores se demoram na evidência de que o erro tem presença normal na imaginação e nele incorrem muitos autores de renomeada. Há, pois, muitos exemplos de menções, hoje insertos no campo da hiralidade.

Os gregos, *verbi gratia*, acreditavam que a terra era uma grande tartaruga sustentada por quatro imensos elefantes bancos (Por que brancos?).

– *Este mundo, que é o mesmo para todos* – lecionava Heráclito de Éfeso – *não foi feito nem pelos homens, nem pelos deuses; mas sempre eterno fogo, com unidades que se acendem e outras que se apagam.*

Para Heráclito, como tudo provém do fogo, tudo volta ao fogo, de duas maneiras: para baixo – fogo, ar, água e terra; para cima – terra, ar, água e fogo (Cf. Mesquita, Vianney. *Impressões* – estudos de literatura e comunicação. Fortaleza: Imp. Universitária, 1980 – p. 99-100).

Mais perto do nosso tempo, é o Pai do novo racionalismo que nos ensina

– *O sangue se transforma em fluidos mais sutis por ebulição e fermentação no interior do cérebro* (apud Letin, Jean-Pierre. In: *Penso, logo me engano*. São Paulo: Ática, 1996).

Há, porventura, desconchavo maior do que esta lição de Cartesius, nosso conhecido René Descartes?

A certeza do erro está no que teria dito Marco Túlio Cícero: *Nada há de absurdo que não se possa encontrar nos livros dos filósofos.*

E o que dizer, também, daquilo produzido na academia, no mundo inteiro?

Erros e mais erros. Erros de fundo, erros de forma!

Aliás, dos erros de forma, há novos modismos grassando à solta na Universidade brasileira após a publicação de *A Escrita acadêmica* – acertos e desacertos. Não se empregam mais as expressões *com efeito, assim, então, por conseguinte* e tantas outras. Tudo foi substituído por *nesta perspectiva*. Também não se escrevem mais *publicar, aparecer, mostrar, ser visto* etc. Agora é *dar visibilidade*.

A remissão à idade de Kant, felizmente, deixou de ser praticada pelos alunos e professores da disciplina *Teoria e método das ciências*, do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Ceará, sendo este livro ora lançado a terceira seleção de estudos empreendidos pelos estudantes do mencio-

nado Programa, dissecando o pensamento dos mais celebrados autores que percorrem os caminhos das ciências, justificando razões, explicitando idéias ... e laborando em erros.

Orientados pelos professores José Anchieta Esmeraldo Barreto e Rui Verlaine Oliveira Moreira, dez mestrands tratam, didaticamente, de explicar o ideário de Martin Heidegger, Hans-Georg Gadamer, Maurice Merleau-Ponty, Paul Ricoeur e Jürgen Habermas, produzindo e reciclando material, refletido e comentado em linguagem simples e correta, enricando qualitativa e quantitativamente a bibliografia brasileira nesse ramo basilar do conhecimento, em que se configura a Filosofia da Ciência.

O Brasil culto louva a iniciativa da edição de mais um compêndio da série *Escritos de Filosofia da Ciência*, na oportunidade do lançamento de *O Elefante e os Cegos*, rubrica-símile que alude a lenda constante no livro de Nikos Kazantzakis, intitulado *O Cristo recrucificado*, e na qual os organizadores intentam fazer ver a todos o pouco que conhecem e o muito que ignoram.

De parabéns estão, pois, os *deficientes visuais*, humildes como o grande autor de *O Crime do padre Amaro*, que disse ser ... *apenas um pobre homem de Póvoa do Varzim*; e como Carlos Raimundo Popper: ... *somos todos iguais na nossa imensurável ignorância.*

Eles publicam esta seleção de excelentes ensaios (com os organizadores, que são autores de capítulos e co-autores das demais partes do livro), saídos das penas seguras de Antônio Germano Magalhães Jr., Antônio José Esmeraldo, Carmesina Ribeiro Gurgel, Juceli Lima de Sousa, Lara Ronise de Negreiros Scipião, Manoel Sampaio da Silva, Maria da Glória Matoso, Mariazinha Pinto da Frota, Rosélia Costa de Castro Machado e Telga Persivo Pontes de Andrade.

Com a publicação de seus artigos científicos, os autores - ... *cegos convencidos de que saber e ignorância são vizinhos* – ficam enxergando um pouco melhor, na condição de, até de mais longe, divisar um elefante, pois adentraram os domínios do *Mundo três popperiano*.

É um grande momento para a *inteligência* do Ceará.

(Na apresentação do livro *O elefante e os cegos*, Fortaleza: Casa de José de Alencar/ UFC, 17.09.1999)